

Atitudes e Ações Necessárias ao Ato de Escrever: Reflexões Pessoais

Julietta Mendonça

Em nossa Sociedade carente de cultura, parece que autores de livros têm o poder de encantar. São considerados raridade, além de escritor não ser visto como profissão.

Minha experiência mostra a surpresa e reverência quando perguntam o que faço e digo que escrevo livros e reviso textos acadêmicos em português. A função de revisor não traz tanta surpresa; é aceita como profissão, embora seja inusual, mas a de escritor, não. Talvez por que se confunda escrever com arte? Ou por que se imagina o escrever coisa de outro mundo? Mas esse algo alienígena costuma ser considerado bom, pois angaria felicitações.

Longe de sentir-me lisonjeada, fico nostálgica, pelo fato de que cultura e, principalmente a escrita, é atividade longe, muito longe das pessoas, exerce grande fantasia na mente delas quando deveria ser atividade trivial.

Essa atração e encantamento não estão ausentes nos voluntários da Conscienciologia. Para estes, ainda há uma condição agravante para o incômodo do afastamento da escrita: publicar livro em Conscienciologia é quase uma obrigação. Com efeito, para essa nova Ciência se firmar no mundo científico, é necessário que seus cientistas publiquem as experiências e os resultados de suas pesquisas no âmbito extremamente rico dessa Neociência, haja vista a precisão de as descobertas científicas de toda e qualquer ciência deverem ser registradas para “existirem”.

Se, na Sociedade em geral, não se tem hábito de leitura e escrita, na Conscienciologia ocorre justamente o contrário; a leitura e escrita são não só incentivadas, como também uma necessidade para a compreensão e aplicação dessa Ciência.

Então, por que o aspirante a escritor enfrenta tanta dificuldade e procrastina a escrita de seu livro? Simples, porque desconhece as ações e atitudes necessárias para tal. Pensa que escrever é sentar, colocar a caneta no papel ou abrir o computador e, ao terminar, o livro já estará pronto. Desconhece que mesmo os grandes escritores, até se tornarem tal coisa com a experiência adquirida, também pensavam igual e sofreram as mesmas dificuldades. Para os que trazem o exercício da escrita “no sangue”, na condição de proéxis (grafoproéxis), talvez tenha sido mais fácil, mas essa é a microminoria, mesmo dos escritores mais experientes. Escrever se aprende; ser escritor se aprende.

ATITUDES E AÇÕES NECESSÁRIAS AO ATO DE ESCREVER

Sim, se a pessoa não traz a escrita ao modo de talento, para escrever, e bem, a ponto de se tornar o que se pode chamar de escritor, é preciso aprender a escrever e escrever sempre, muito, porque apenas a experiência pode transformá-lo em um bom escritor.

E um dia terá de enfrentar os travões e limites autoimpostos e começar. Então, saiba que escrever é questão de vontade e decisão; uma vez tendo decidido, se submeterá com tranquilidade e disposição positiva às mudanças de atitude e rotina que ocorrerão na vida.

Há algumas práticas a serem observadas antes da escrita propriamente dita, enumeradas a seguir.

1. DECISÃO

Em primeiro lugar, precisa ocorrer a decisão de escrever.

Escrever é processo trabalhoso e relativamente demorado; a própria palavra “processo” já fala de algo que vai acontecendo no tempo. Desse modo, é preciso ter em mente a inarredável alteração na rotina, o abandono, durante certo tempo, de algumas atividades para dedicar-se à produção do livro. Saber disso é essencial para a tomada de decisão, mas é bom saber também que, por um tempo, o livro lhe tomará por inteiro, sua atenção e intenção serão dele.

2. ROTINA

Desse modo, ou devido a isso, terá de organizar as outras atividades que desenvolve pensando no espaço de tempo para a escrita.

Ideal é ter um momento diário para isso, escrever todo dia. Quando as outras atividades não permitirem isso, criar horários semanais para escrever, sem espaçá-los demais para não perder a motivação e o fio condutor do trabalho. Se houver vontade e intenção, haverá comprometimento, e havendo comprometimento, haverá de encontrar facilmente horários adequados a seguir sem interrupções.

3. VERSÕES

Produzir um texto, como já referi, é tarefa trabalhosa, requer muitas etapas, preparação, comprometimento, e também a consciência de que se escreverão diversas versões daquele mesmo texto, rascunhos a serem melhorados, rabiscados, palavras e expressões substituídas por outras mais adequadas, e outras coisas mais permitidas em um rascunho.

Isso não é tranquilo, pois escrever, principalmente livros, é atividade que eleva, levanta, empurra para frente, desenvolve o intelecto e, se pessoa não tem esse hábito e está bem instalada na zona de conforto e de bem com seu assediador intelectual, precisa de esforço para sair dela e abandonar a companhia do seu “amigo” que não vai gostar nada de lhe dizer adeus.

Outra crença equivocada corresponsável para essa permanência na zona de conforto é pensar que não sabe escrever, não tem “jeito” para a escrita, pura tolice; escrever se aprende, e se aprende a escrever escrevendo, portanto, como qualquer outra coisa, precisa de experiência para alcançar expertise.

Quando falo aqui em expertise, não me refiro aos autores do primeiro livro. Torna-se necessário o hábito diário da escrita por toda a vida, ininterrupto, para, lá pelo quinto livro, talvez, poder falar de expertise. No entanto, se não escrever o primeiro livro jamais alcançará essa perícia, essa competência, a qualidade de especialista.

Então, aos autorandos e aspirantes ao autorando, é bom se conscientizarem de que precisarão experimentar, isso quer dizer fazer muitos e muitos rascunhos do texto que desejam produzir até sentirem-se relativamente seguros para ensaiar algo mais definitivo. Assim é o processo.

4. COMPROMETIMENTO

Muito bem: a pessoa decidiu escrever seu livro, conhece o processo e as dificuldades e, apesar deles, se comprometeu consigo mesma e com seu amparador. Se houver comprometimento real, e se comprometimento gera disciplina, sabe que, uma vez iniciado o trabalho e escolhido o horário para a escrita diária, não voltará atrás; derrubar as pontes e só haverá o caminho à frente. O comprometimento e o horário fixo dizem ao Cosmos da sua intenção sincera de publicar seu livro. Desse modo, o fluxo do Cosmos conspirará a seu favor e a favor da sua obra.

Um exemplo fácil para se entender bem essa questão é a tenepes. Quem faz tenepes comprometeu-se consigo próprio, com os Amparadores e assistidos, e separou uma hora diária dos seus dias, até o fim da vida. Isso é comprometimento real. Quando sentir essa disposição em relação à produção do seu livro, saberá que, de fato, comprometeu-se com a tarefa.

Agora, depois de comprometer-se e saber – e se tranquilizar – de que vai produzir muitos rascunhos do seu livro, é momento de definir o assunto, que já está em seus pensamentos. O que é isso, definir o assunto? Vamos em frente.

5. ASSUNTO

Naturalmente, desde que alguém se propõe a escrever um livro, já sabe sobre qual assunto. Esse assunto deve fazer parte das suas experiências, ser algo que domina, de que sabe falar com propriedade. Em Conscienciologia, é algo relativo às pesquisas que a pessoa vem empreendendo, tenha registrado algo sobre elas ou não. Talvez a experiência esteja apenas na lembrança, nos pensamentos, emoções e percepções, sem que tenha sido anotado.

Se anotado, torna-se mais fácil, já se tem o ponto de partida, se não, é isso o que precisa fazer agora: começar a anotar as experiências, não ainda com a preocupação de ser o livro, mas apenas anotar. Conforme for anotando, irá lembrando detalhes, nuanças já apagadas da memória, irá juntando as pontas, fazendo conexão entre um fato e outro, uma percepção e outra, e esses textos soltos serão o miolo, o embrião do livro.

Veja, escreveu ideias soltas, ainda não é o texto do livro, que apenas se completará quando todas as ideias inicialmente colocadas soltas no papel se unirem, conectarem-se (coesão) formando um todo inteligível.

6. DEFINIÇÃO DO ASSUNTO

O que chamo aqui de definição do assunto é o fato de torná-lo bem definido, fazer dele um guarda-chuva e saber o que cada aresta significa, ou melhor, que pedaço, fragmento do assunto geral cabe em cada aresta; chamarei a isso de subassunto, sendo este subassunto o assunto de cada aresta.

Depois, se for necessário, fazer de cada subassunto o guarda-chuva, se notar que ainda precisa ser desmembrado para tornar o texto mais claro e alcançar melhor compreensão.

De que modo prático fazer isso?

Em uma folha de papel, divida o assunto de acordo com o esquema da página 32 do livro *Manual do Texto Dissertativo*, no qual explico, detalhadamente, essa questão. Nesse esquema, insira um título para cada capítulo só para constar, podendo vir a ser o título definitivo ou não, apenas para guiá-lo. Não abandone esse papel, será um guia para você.

7. O TRABALHO

Como explicitado no item 5, as ideias ou anotações das pesquisas são o início do trabalho, assim mesmo do modo como estão, vários textos soltos. Para dividir o assunto geral em subassuntos, procede-se à análise de cada um dos textos soltos, verificando a que parte do assunto, ou a que subassunto se refere.

Exemplo:

Assunto geral: assistência

Subassuntos: tacon, tares, amparadores, assistido, assistente e outros nesse teor.

Veja, os subassuntos são parte integrante do assunto geral, e cada um forma um capítulo, em cada um se escreverá especificamente sobre aquela parte ou subassunto.

Então, ao verificar os textos soltos e classificá-los de acordo com o subassunto a que se referem, terá definido os capítulos.

É óbvio que essas ideias ou experiências anotadas não serão todo o conteúdo do livro, é apenas o início.

8. INICIANDO A ESCRITA

Para escrever a obra, começa-se a rascunhar as ideias.

Como se faz isso? Vocês podem perguntar. Rascunhar com o que, o que escrevo?

Primeiro, separe todos os textos soltos que tiver sobre o assunto específico do capítulo 1 e transfira para esse capítulo o conteúdo desses textos já escritos com a intenção de ampliá-los e uni-los. Faça isso com todos os capítulos. Isso lhe dará traquejo, servirá para quebrar o primeiro gelo da escrita.

O segundo passo será ler a cópia que fez de todos os textos do mesmo capítulo e ver qual a ligação entre eles. Nesse momento, é comum ideias virem à mente – ideias são pensamentos, então não espere algo fantástico, inusitado, não, escreva rápido os pensamentos que estão vindo para não se perderem, eles são importantíssimos; se forem pertinentes, ou não, se verá depois. Nesse momento, em geral, acontece a ligação entre os textos soltos, já não serão mais soltos, mas parte integrante do conteúdo do livro.

Nos momentos de indefinição ou do “o que escrevo agora?” Pergunte-se: o que eu quero dizer? Faça de conta que alguém leu seus textos e disse: não entendi, o que você quis dizer? Fale, então – fale mesmo, em voz alta – para essa pessoa imaginária, o que deseja escrever. Após, transfira para o papel a sua fala com as palavras que falaria para ela, sem a preocupação de estar fazendo um livro.

O aspirante a escritor precisa se sentir solto e à vontade em sua produção, portanto, escreva do modo como sabe e pode, pois lembre-se, é rascunho. Não apague nada, não faça críticas ao que escreveu. Essas primeiras ideias são o início do trabalho e, se ficar apagando, nunca vai avançar, mesmo porque vai achar tudo ruim, pois lhe falta o contato com a escrita e você não sabe como é.

Não se preocupe com os erros de gramática e linguística que, com certeza, irá praticar; todos praticam e você não será exceção. O importante é colocar todo o conteúdo que deseja escrever no seu livro. Depois, poderá submeter o texto da obra a quem possa lhe ajudar, alguém mais experiente em escrita e que já tenha editado o próprio livro.

Repita esse procedimento com os textos de todos os capítulos.

9. CONTINUANDO A ESCRITA

Quando já não houver mais texto solto, é o momento de ler tudo. Leia o livro desde o início com bastante senso crítico. Agora que o trabalho já está a meio caminho e o exercício inicial com os textos soltos lhe trouxeram experiência, você já está preparado para ver se o que quer dizer sobre aquele assunto já está tudo escrito ou se ainda falta algo. Aqui poderá complementar, continuar a escrita, melhorar o texto, ajeitar aqui e ali, ver o que está bom e o que não está e até se surpreender e ficar feliz com a capacidade de escrita que nem imaginava que tinha!

Então é a hora de lhe desejar parabéns, você conseguiu, está escrevendo seu livro.

Essa primeira felicitação é por ter vencido a parte inicial, sempre a parte mais difícil. Mas há trabalho à frente. Vamos lá!

É bom imprimir uma cópia das versões para ler tudo. Ler no papel é mais eficiente para a análise do material do que ler no computador, pois terá de ficar rolando a tela. Além disso, no papel, poderá ir marcando tudo: o que está bom e o que está precisando melhorar. Pode riscar, escrever nos cantos, enfim, há muito trabalho a ser feito na leitura da primeira versão. E com as próximas não será diferente.

Serão feitas quantas versões forem necessárias, e, no momento em que ler uma versão e não precisar mexer em nada, quando achar que o texto está “redondo”, o livro está pronto.

Aí é a hora do parabéns, da publicação, do coroamento de todo o esforço no lançamento, e... de preparar a escrita do próximo. Mãos à obra!

Referências

Mendonça, Julieta; *Manual do Texto Dissertativo: Modo de Escrita da Redação Científica*; revisores Chatia Caporali; et al.; 218 p.; 4 seções; 14 caps.; 19 E-mails.; 124 enus.; 3 esquemas; 23 exemplos; 26 exercícios; 1 foto; 1 microbiografia; 19 *websites*; miniglos. 23 termos; 62 refs.; 24 x 17 cm; br.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2011.

Vieira, Waldo; *Manual de Redação da Conscienciologia*; revisores Alexander Steiner; et al.; 276 p.; 15 seções; 150 caps.; 152 abrevs.; 23 *E-mails*; 54 enus.; 274 estrangeirismos; 30 expressões idiomáticas portuguesas; 1 foto; 60 locuções do idioma espanhol; 85 megapensenes trivocabulares; 1 microbiografia; 30 pesquisas; 6 técnicas; 30 teorias; 8 testes; 60 tipos de artefatos do saber; 60 vozes de animais subumanos; 3 websites; glos. 300 termos; 609 refs.; 28 x 21 cm; br.; 2a Ed. rev.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2002.

Julieta Mendonça é graduada em Letras (Português/Espanhol). Professora e revisora de textos. Verbetógrafa da *Enciclopédia da Conscienciologia*. Autora do livro *Manual do Texto Dissertativo: o modo de escrita da redação científica*.

E-mail: julietamendonca@yahoo.com.br
